

A Surpreendente Redescoberta de

Acacallis Hoehnei

Karlheinz Senghas ⁽¹⁾ & Rolf Steinhardt ⁽²⁾.

Trad. Waldemar Scheliga.

A *CACALLIS* tem sido sempre um desafio para os cultivadores de orquídeas, cobiçada como a orquídea azul (SENGHAS em SCHLECHTER, Die Orchideen, 1993). Apesar da beleza e do colorido invulgar de suas flores, *Acacallis*, gênero que tem o seu nome em homenagem à uma ninfa grega, não tem merecido muita atenção na bibliografia específica, o que, seguramente, tem relação com a dificuldade de cultivo duradouro e eficiente. Mesmo na revista "Die Orchidee" são poucas as referências e, assim mesmo, de forma incidental. Quando mencionada em algum texto, o que sobressai é a espécie tipo, *Acacallis cyanea*. A ela, o primeiro dos autores deste texto, por ordem de assinatura, dedicou pela primeira vez uma pormenorizada orientação sobre cultivo baseada em longa experiência adquirida no Jardim Botânico da Universidade de Heidelberg.

Noto que, na verdade e em observação mais acurada, o colorido da chamada Orquídea Azul é na verdade rosa-lilás... Fazem poucos anos do surgimento no mercado de flores de uma outra espécie de *Acacallis*, que se revelou como sendo

Acacallis fimbriata e que, pela primeira vez, foi objeto de ilustração (SENGHAS em SCHLECHTER, 1993) e que está mais próxima da idéia de de uma flor azul, que, embora produzindo flores menores, tem nisto a razão de seu epíteto. O destaque dessa última espécie deve-se a FOCHEM, PFISTER e POPOW. A disseminação de novas plantas,

por semeadura, deve-se a FOCHEM. Bem mais recentemente, também importada, em 1990, por FOCHEM, uma outra espécie floriu em 1991 na coleção do segundo autor deste artigo, sendo tida como *Acacallis cyanea* de grande beleza e tamanho. Dúvidas, no entanto, surgiram quanto à sua identidade e a uma análise mais acurada concluiu-se tratar-se de *Acacallis hoehnei* sob sinonímia de *Acacallis cyanea*. Infelizmente só existe, no momento, um

único exemplar dessa espécie.

Apresentamos, a seguir, comentários sobre as 3 espécies:

Acacallis cyanea Lindl.

É a espécie mais difundida do gênero, ocorrendo desde a região amazônica da Venezuela, passando pelas províncias orientais da Colômbia e pelos



Acacallis cyanea

K.Senghas



Acacallis fimbriata

Estados brasileiros do Acre e Rondônia. Nessas regiões, habitam matas úmidas das baixadas das bacias superiores dos afluentes do rio Amazonas. A espécie vive, de preferência, nas margens dos rios a pouca altura e ancorada sobre o cortex coberto de musgo de árvores baixas que, por vezes durante as cheias, ficam submersas. Em 1992, REIFENSTAHL publicou uma expressiva

foto do habitat dessa planta ("Die Orchidee", 43: 221).

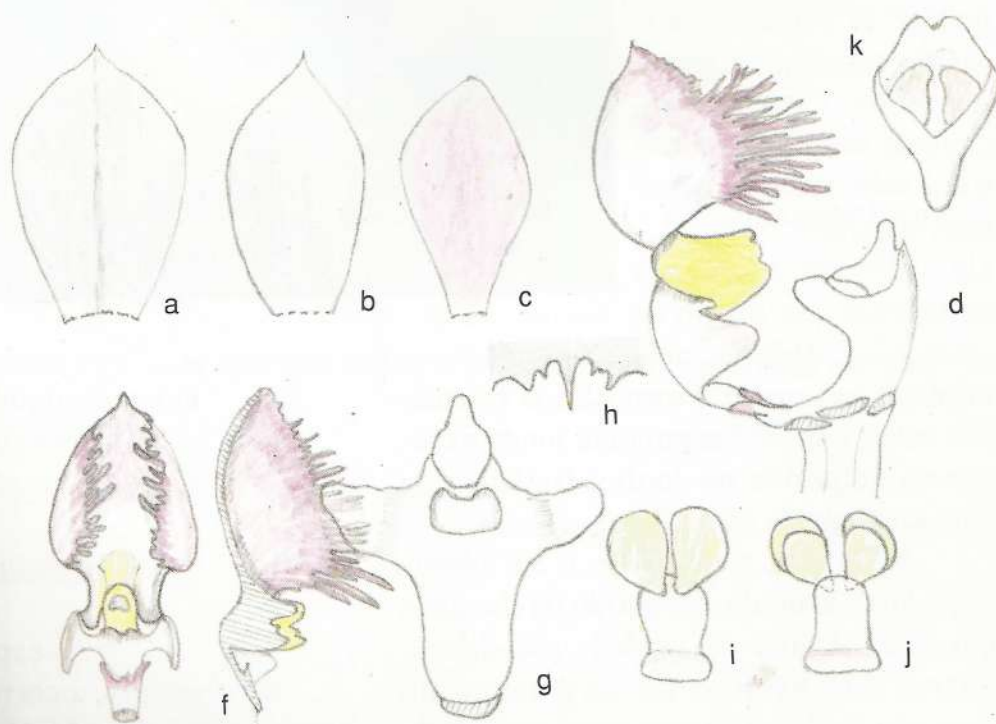
***Acacallis fimbriata* (Rehb. f.) Schtr.**

Entre 1874 e 1878, REICHENBACH f. descreveu no Gardener's Chronicle três espécies de *Acacallis*, mas sob o nome de *Aganisia*. A primeira dessas espécies foi *Acacallis fimbriata* (1874, II: 452), baseado num exemplar proveniente de Demerara (atual Guiana) que floriu na coleção de SILLEM, Esquire em Laurie Park, Synderham. Pelas ilustrações deste texto, pelo hábito, flores e análises florais, poder-se-á observar as características da mesma. Além disso pode apontar-se para a ocorrência de bulbos trifoliados, sépalas com 2 cm de comprimento e, em comparação com *Acacallis cyanea*, o seu crescimento mais ascendente. O calo do labelo é elevado, a superfície é estriada apenas com leves ranhuras de colorido amarelo-limão. Conhecemos ainda pouco sobre sua variabilidade e caracteres específicos.

K. Senghas

***Acacallis fimbriata*,
Análise floral:**

a = sépala dorsal, b = sépala lateral; c = pétala; d = vista superior do labelo espalmado; e = labelo, visão superior em posição natural; f = labelo, corte longitudinal; g = visão frontal da coluna; h = Rostelo sem o polinário; i = Polinário de frente; j = visão trazeira do polinário
k = antera, visão anterior.



porque, até agora, as notícias são de bem poucas coletas. Só depois de verificada a diversidade dessas características é que se poderá dizer algo de definitivo sobre esse tipo ou quanto a ocorrência de variedades com labelo fimbriado.

Acacallis hoehnei Schltr.

O segundo Autor deste artigo recebeu em 1990, do Senhor FOCHEM, como sendo *Acacallis cyanea*, uma planta que floruiu em 1991 e foi considerada um exemplar extraordinário da espécie. As primeiras polinizações já foram feitas com sucesso. Nos anos seguintes a planta voltou a florir, quando surgiram as primeiras dúvidas sobre a sua identificação.

Pesquisa mais profunda na bibliografia disponível sobre *Acacallis/Aganisia* e que, por acaso, estava à mão, já que desenvolvíamos o trabalho de revisão da subtribo Zygopetalinae para a 3ª edição do manual de Schlechter, revelou um resultado surpreendente: a planta que vinha sendo cultivada com sucesso pelo segundo autor é, na verdade, uma *Acacallis hoehnei*, que se distingue de *Acacallis cyanea*, por uma série de características:

1. Inflorescência ereta;
2. Flores parecendo mais "cheias" devido ao fato de serem mais largas as sépalas e pétalas (veja-se na análise floral adiante);
3. O calo do labelo não apresenta verrugas extensas e digitadas, tendo superfície praticamente lisa com leves ranhuras
4. Bulbos muito estreitos, unifolares (já

Acacallis cyanea é bifoliada) que terminam diretamente no cabo das flores.

Posteriormente o Senhor FOCHEM soube que a planta em questão viera do estado do Mato Grosso, fora da área de ocorrência de *Acacallis cyanea*. Foi daquele estado que procedeu a planta que deu origem à descrição original. Esta, contudo, tem, também, complicações do ponto de vista de nomenclatura. Em suplemento, publicado em 1906, ao monumental trabalho de COGNIAUX, "Flora Brasiliensis", SCHLECHTER descreveu um novo gênero, cuja única espécie era *Kochiophyton negrensis*, denominada em homenagem ao coletor, Dr. Th. KOCH. Ao revisar, em 1918, o grupo *Acacallis/Aganisia* reconheceu aquela planta como idêntica a *Acacallis cyanea*. Baseado nas características específicas de *Kochiophyton* - plantas do gênero *Acacallis*, sob tal denominação não eram conhecidas naquela época - . Hoehne descreveu, em 1910, na revista da Comissão de Linhas Telegráficas e Estratégicas Mato Grosso-Amazonas uma orquídea sob o nome de *Kochiophyton caeruleus* (Anexo nº 5, História Natural Botânica, parte



Acacallis fimbriata

K. Senghas



R. Steinhart

Acacallis hoehnei

1491, f. fig. 39). Essa é a planta original da nossa pesquisa, que Schlechter (l. c. 1918) depois analisou e transferiu para *Acacallis*... Ele, porém, não poderia, em observância das regras botânicas, mudar a denominação para *Acacallis caeruleus* porque já existia o nome *Acacallis coerulea* Schlechter (1918). Por isso transferiu o antigo nome *Aganisia coerulea* Rchb. f. (1876) para *Acacallis coerulea* (Rchb. f.) Schlechter (1918). Ante isso, *Kochiophyton caeruleus* Hoehne devia receber um novo nome e esse foi dado por Schlechter como *Acacallis hoehnei*.

Essa espécie tem um crescimento ascendente e os bulbos distanciados, com 4-5 cm, são unifoliaros. Schlechter destacou a beleza da planta em comparação com *Acacallis cyanea* devido às flores

cheias e totalmente espalmadas e o colorido mais azul, destacando ainda a diferença no calo do labelo. Não há dúvida de que nossa planta é semelhante àquela tão elogiada por Schlechter; além disso a origem geográfica, em matas pantaneiras, nos rios Juruena e Papagaio, próximo a Salto Belo e mais o fato de florir em junho confirma a identidade da mesma. Em seu comentário Schlechter dizia que esperava para breve o cultivo dessa extraordinária planta, na Europa. O vaticínio só se cumpriu setenta anos mais tarde. Notável é que Hoehne - que considerava Schlechter seu mestre - não tenha tomado conhecimento das observações do mesmo Schlechter, visto como na sua grande obra "Flora Brasilica", parte VII, Tomo XII, ele cita tanto *Kochiophyton caeruleus* como, ainda, *Acacallis hoehnei*, como sinônimo de *Acacallis cyanea* por ele considerada como válida. É de deduzir disso que Hoehne não teve presentes plantas vivas em flor. O mesmo ponto de vista é externado por Pabst em "Orquidaceae Brasilienses" (1977).

Embora, até onde sabemos, só exista uma planta nova em cultivo, os autores esperam que em breve outros amadores possam estar cultivando essa preciosidade. Uma reprodução de tecido meristemático está sendo tentada. A inflorescência com até 40 cm de altura chega a produzir 16 flores e faz pensar em hibridação. É possível conseguir híbridos com gêneros mais afastados. Até agora apenas floriu o cruzamento *Bollea coelestis* x *Zygopetalum mackay* (mostrado em Die Orchidee 1995 (4) 44. A riqueza da floração desse híbrido surpreendeu. Cada bulbo produziu de 3 a 5 hastes florais.

Habitat e Cultivo

As duas espécies vegetam em ambientes comparáveis dentro da mata tropical

fluvial. Seu limite geográfico fica na área da latitude 40.

Os diagramas climáticos dessa região (p. ex. Iquitos, Vaupes, São Paulo de Olivença, todos em altitude menor do que 100 m) apresentam uma temperatura média constante de 23-25°C e um registro pluviométrico de 2.600-3.000 mm, pouco variando durante o ano. São, portanto, 12 meses de umidade.

Já em Mato Grosso a situação é diferente: sua posição fica 7° ao sul, sua altitude é mais variável do que a da Amazônia e, em alguns lugares, chega a 1100 m. Lamentavelmente existem poucas estações meteorológicas com estatísticas mais amplas (como, por exemplo, Cuiabá e Corumbá). De acordo com as mesmas, a média pluviométrica é de 1.200-1.400 mm e com distribuição irregular. Pelo menos

apenas seis meses (outubro a março) contam-se como úmidos, enquanto que maio-agosto são considerados áridos e secos. Em consequência disso não existe uma temperatura mensal constante; ela varia de 20 a 25° C. A vegetação não corresponde à mata pluvial, é mais aberta e clara e mais exposta aos fatores climáticos. Alguns sintomas disso já se observam nos bulbos da planta que são mais duros, as folhas mais claras e sua textura mais rígida. O que isto significa para um cultivo perfeito, fica em aberto. Pela experiência, até agora, adquirida, parece que as plantas - como era de esperar - são mais resistentes do que *Acacallis cyanea*. Um comportamento, contudo, é igual em todas as espécies de *Acacallis*: não suportam gotículas de água nas folhas, o que facilmente leva à podridão. É indispensável



Acacallis hoehnei

R. Steinhart



Acacallis hoehnei

R. Steinhart

após a rega uma intensa ventilação.

Infelizmente não foi possível saber o local exato de coleta da primeira planta descrita e nem mesmo da atual

Existem outras espécies de *Acacallis*?

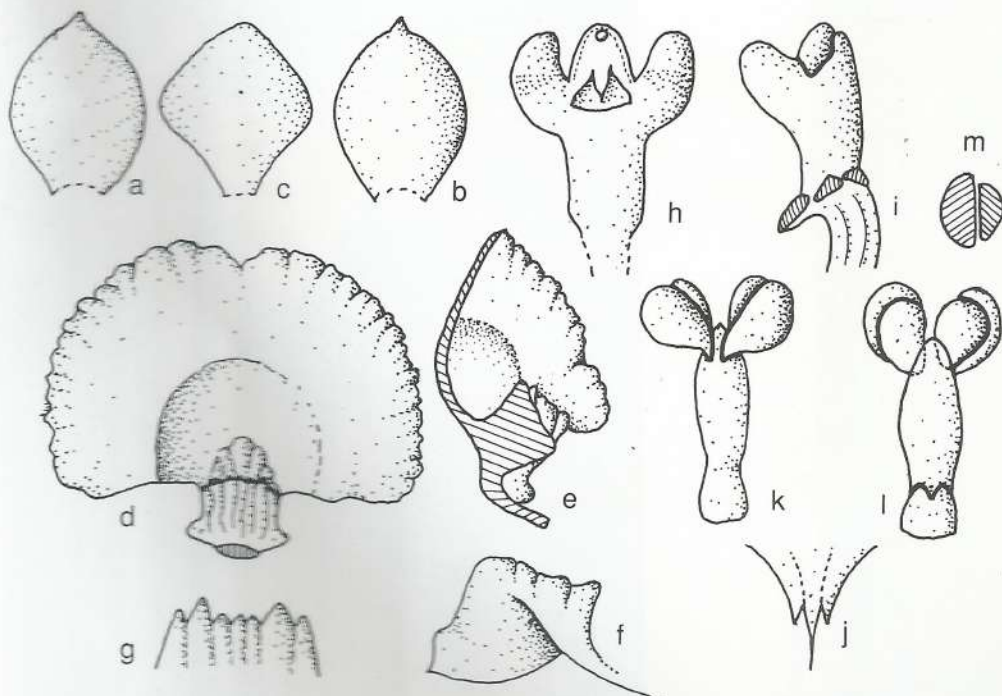
A redescoberta da *Acacallis hoehnei* é comparável a uma pequena sensação de vitória, ou, pelo menos, uma surpresa. Uma pesquisa ampla na biblio-grafia disponível sobre *Acacallis* leva à conclusão de que, ao lado das tres espécies aqui comentadas e ilustradas, ainda existem duas outras desta Aliança. Do ponto de vista de nomenclatura ambas estão referidas em Reichenbach. f e são aparentadas com *Acacallis fimbriata*: possuem, portanto, labelos com fimbrias. Trata-se de *Acacallis coerulea* (Rchb. f) Schlechter e *Acacallis oliveriana* (Rchb. f) Schlechter. Ambas, de acordo com as primeiras descrições (1876 e 1878) ao contrário de *Acacallis fimbriata* apre-sentam bulbos unifolares, assim como se diferenciam pela forma dos lobos laterais do labelo, a forma do lobo central e da estrutura do calo.

Os autores receberiam com prazer qualquer notícia de leitores que cultivem *Acacallis fimbriata* e cuja forma seja diferente da análise floral aqui publicada. Fica registrado que as pranchas originais do Herbário de Reichenbach trazem uma anotação do orquidólogo e pesquisador de Harvard, R. E. Schultes que consideram as duas plantas como idênticas a *Acacallis fimbriata*. Entretanto o caso aqui relatado quanto a *Acacallis hoehnei* prova contundentemente como podem ser divergentes os resultados de comparações baseadas em material herborizado ou, mesmo, vivo.

A redescoberta ou reconhecimento das duas espécies é dificultada pelo fato de ignorarmos completamente a origem das mesmas. Ambas floriram apenas uma vez no Jardim Botânico de Hamburgo e ali foram descritas. Ambas tinham apenas a indicação: "importação do Brasil". No caso de verificar-se que as duas espécies são iguais a *Acacallis fimbriata* este se conservaria por ser o nome mais antigo.

Agradecimentos

Nossos agradecimentos a Rudolf



Acacallis hoehnei: análise floral.

a = sépala dorsal; b = sépala lateral; c = pétala; d = labelo espalmado, visão superior; e = labelo, corte longitudinal; f = calo do labelo, vista lateral; calo do labelo, vista superior; g = calo do labelo, vista superior com pontas ampliadas; h = Coluna vista de frente; i = coluna, vista lateral; j = rostelo sem o polinário; k = polinário visto de frente; l = polinário visto por detrás; m = vista transversal do polinário.

Jenny pelo empréstimo de livros ao senhor Gert Seeger e pelas excelentes "dicas" sobre cultivo.

Bibliografia

- 1) Cogniaux, A. in Martius, C.F.P. 1898-1902 e 1904-1906: Flora Brasiliensis, III/5+6, Monachii
- 2) Hoehne, F. C. (1953) Flora Brasili-ca, Vol. XII/VII, São Paulo.
- 3) Pabst, G. F. J. & Dungs, F. (1977) Orchidaceae Brasilienses, II, Hildersheim.
- 4) Schlechter, R. (1918): Die Gattung Aganisia und ihre Verwandten in "Orchis" 12: 6-16.
- 5) Senghas, K in Schlechter, R. (1993): Die Orchideen, 3 Aufl. (Hrsg F. G. Brier, R. Maatsch & K. Senghas) Vol I/B, Berlin.

- 6) Senghas, K (1993): "Orchideen-Pflanzen der Extreme, Gegensätze und Superlative; Berlin".

(*) Dr. Karlheinz Senghas
Botanischer Garten der Universität
Im Neuenheimer Feld 340
D-69120 - Heidelberg, Alemanha.

R.Steinhardt
Tannenkamp 53 D34346
Hann. Münden, Alemanha

(NT) O presente artigo foi publicado na revista "Die Orchidee", 47 (4) 1996. É reproduzido com permissão dos autores e de seus editores.

Agradecemos, outrotanto, o gracioso empréstimo dos fotolitos que ilustram o texto.

Florabela - Orquídeas

**Reserva orquidófila em mata nativa recuperada.
Mata artificial de Dracenas, além de orquidários convencionais
Érico de Freitas Machado**



C.P.01-0841- CEP 29.001-970 - Vitória, ES.

Tel.:(027)227-6136.

46 anos de experiência na proteção de mais de 400 espécies nativas do Espírito Santo